

COMUNICAÇÃO

PROJETO MEMÓRIA DA FEIRA LIVRE DE FEIRA DE SANTANA

SEGUNDA FASE — TEXTO N. 4 OUTRAS PALAVRAS

Vicente Deocleciano Moreira
Prof. Adjunto do Dep. de Ciências Humanas e Filosofia

A Revista *Sitientibus*, número 17, publicou o noticiário de 1976 e a primeira parte do material hemerográfico sobre o extermínio da feira livre relativo a 1977 — seu último ano. Este número traz a segunda parte do noticiário de 1977. Traz, também, o último texto da segunda parte — OUTRAS PALAVRAS — do *Projeto Memória da Feira Livre de Feira de Santana*.

A terceira e última fase abrigará estudos e reflexões estabelecidos a partir dos depoimentos de feirantes e de fregueses da velha feira.

FEIRA DE SANTANA PERDE SUA TRADICIONAL FEIRA SEMANAL

A Tarde, Salvador(BA), 11 de janeiro de 1977. p.2.

SALVADOR (*O Globo*) — Praticamente toda a população de Feira de Santana, tendo à frente o atual e o futuro prefeito José Falcão da Silva e Colbert Martins, se somou ontem aos três mil feirantes para gozar, pela última vez, do ambiente folclórico e colorido da tradicional feira livre da cidade. Essa

NOTA DO EDITOR: Alguns textos aqui reproduzidos sofreram correções, sem se alterar, entretanto, o conteúdo das matérias.

feira, a maior do Nordeste, é responsável direta pela origem, pelo o nome e pela importância daquela que é hoje a maior cidade do interior baiano.

A partir de hoje, os barraqueiros — aos quais se misturam desde vendedores de gêneros de primeira necessidade até violeiros e repentistas — começarão a se transferir para o moderno Centro de Abastecimento construído pela atual administração municipal em um terreno de 15 hectares na periferia da cidade, deixando livre as principais ruas e praças do centro, que eram ocupadas totalmente nas segundas-feiras, pela grande feira livre.

O prefeito José Falcão da Silva explica que a cidade teve que fazer uma opção entre tradição e folclore e o seu desenvolvimento:

A situação não podia permanecer como estava, pois se torna impossível disciplinar a feira e acomodar nas ruas do centro da cidade um número de barraqueiros que aumentava a cada dia.

Ele cita como exemplo a Avenida Senhor dos Passos, a principal da cidade, que nas segundas-feiras tinha que ser fechada ao tráfego, o que trazia transtorno a toda a população.

TURISMO NADA PERDE

O secretário de turismo do município, Itaracy Pedra Branca, diz que, apesar do grande significado da feira para a história do Município, “Débito que jamais poderá ser saldado”, a sua remoção se faz necessária em função do próprio crescimento da cidade. Ele acredita que Feira de Santana nada perderá como atração turística, pois no Centro de Abastecimento tudo continuará como sempre foi. Com o mesmo movimento das segundas-feiras, só que agora com disciplina.

"Não considero atração turística, nem vejo nenhum colorido na sujeira, na falta de higiene, nas lonas rasgadas montadas sobre pedaços de tábuas. A transferência vem resolver um importante problema social, haja vista que grande parte da gente que vivia na feira é considerada tecnicamente como desocupada, porque não tem trabalho permanente e vivia em função dela. Com o Centro, o trabalho será diário, com oportunidade de comércio todos os dias".

Já a reação dos feirantes foi totalmente contrária à transferência. Diz Antônio Vidal, açougueiro há 30 anos:

"Esta mudança é o mesmo que pegar a gente e enterrar. Ninguém vai deixar de comprar no centro da cidade, e quem, vai lucrar são os açougues particulares".

Para a maior parte dos vendedores, a melhor opção é mudar correndo para outros municípios menores, onde as feiras no centro da cidade ainda são possíveis.

ORIGEM

A origem da feira e da cidade — já com 103 anos — foi a antiga Fazenda Santana dos Olhos D'Água, local para onde convergiam comerciantes das redondezas e da capital, que iam "fazer o sertão". Esses comerciantes, inquiridos sobre seu destino, diziam ir à "feira de Santana". Daí a denominação da cidade.

A feira espontânea na Fazenda Santana fez com que, inicialmente, surgisse, no local, uma capela; depois apareceram os casebres dos comerciantes fixos e, posteriormente, o arraial Santana de Feira, elevado à condição de cidade em 1873. Desde então, a cidade e a feira estiveram sempre identificadas, passando a ser um centro de atração para mais de 40 municípios circunvizinhos.

Inicialmente, a feira era realizada às terças-feiras. Em 1854, passou para o domingo, e em 1874, há mais de um século, por influência do padre Ovídio de Boaventura, que alegava estar ela prejudicando o cumprimento das obrigações religiosas, foi transferida para as segundas-feiras.

O movimento para a feira começava já no sábado, quando as mercadorias iam chegando no lombo de burros, em carros de boi, em carroças caminhões e carretas, logo preenchendo as barracas instaladas nas praças da Bandeira e João Pedreira, nas ruas Marechal Deodoro e Sales Barbosa e em parte da Avenida Getúlio Vargas e Senhor dos Passos. Na feira, podiam ser adquiridos desde artesanatos de couro e barro (o forte como atração turística) até móveis e confecções. Nos açougues, era grande a procura de carne do sertão, carne-do-sol e caças raras. E, entre os barraqueiros, era comum o movimento de

violeiros, cantadores e repentistas, disputando o espaço com os vendedores de literatura de cordel.

O CENTRO E AS CHUVAS

Folha do Norte, Feira de Santana(BA), 11 de janeiro de 1977,p.2.

Para a construção do Centro de Abastecimento, os técnicos – e tal coisa só poderia partir de técnicos, arranjaram um nome altamente sugestivo, o de Projeto Cabana. É claro que poderiam ter escolhido outras denominações, como, projeto Tugúrio, Tapiri, Tapá, Quimbebe, Pardieiro, Palhoça, Oca, Mocambo, Couvil, Choupana, Choça, Barraca, Albergue, Aprisco, Capuaba ou Ipuaba, que todos, na sua modesta significação, não poderiam jamais representar a grandeza de uma obra impressionante, pelo menos até agora, pelo arrojo e grande coragem de seus idealizadores por suas dimensões gigantescas e pelos oitenta milhões que ali foram empregados.

Com o anúncio que a tradicional feira livre viveria, ontem, o seu último grande dia, que tudo será mudado para o Centro a partir de hoje, grande número de jornalistas, fotógrafos e cinematografistas reuniram-se nesta cidade para registrar as últimas horas do que tem sido, ultimamente, a maior feira livre do Brasil, maior ainda do que a famosa feira que se realiza em Campina Grande.

A nossa feira, com efeito, além de ocupar vários quilômetros de ruas e praças, com suas mercadorias, carroças e veículos motorizados, que substituem atualmente os animais de montaria e carga, enchendo restaurantes e pensões até particulares, familiares, bares e barbearias, armazéns, lojas e bancos, dando à cidade um movimento impressionante e que de maneira muito profunda está ligada à vida da cidade e de parte de nossos hábitos de mais de cem anos.

Todas as cidades nordestinas, aliás, têm um dia consagrado à feira, em que geralmente se verifica um desusado movimento, é quando o comércio aumenta suas vendas e se desperta faturando melhor.

Acontece que a nossa feira, durante muitos anos limitada à Praça João Pedreira e à Praça dos Remédios, onde havia uma feira de couro, passou a crescer de forma ilimitada. Invadiu a Avenida Getúlio Vargas, onde se plantou permanentemente. Tomou a Rua Marechal Deodoro, principalmente com uma vastíssima exposição de móveis de toda natureza e de colchões e, ultimamente, obstruiu a Avenida Senhor dos Passos que paulatina, mas persistente, vinha enchendo, de modo que todo o centro se transformou em um enorme, fantástico mercado de toda espécie de produtos, feira que passou a oferecer outras tendências de uns tempos para cá, a de se manter a semana inteira.

A Prefeitura, esta perdeu completamente o controle da feira, deixando de cuidar de sua organização e localização das mercadorias o que ficava a critério único e exclusivo dos feirantes, originando-se, daí, a criação de e um verdadeiro dédalo, um labirinto quase intransponível, um monstruoso amontoado de pobre gente labutando diariamente pela vida, sujeita a intempéries, para consolo de alguns cobradores de tributos municipais, a que se junta uma inacreditável tralha, formada de madeirames e lonas velhas apodrecidas.

Que a feira necessitava de uma providência para ser mudada de local é fato que não se discute. Ontem, entretanto, quando todos faziam as suas despedidas da feira agonizante e redobravam-se as esperanças dos feirantes sobre suas novas instalações no Centro de Abastecimento, aconteceu algo que não estava previsto no Projeto Cabana, mas deveria estar: grandes, refrescantes, nutritivos aguaceiros desabaram sobre a cidade, com pertinaz abundância.

AGORA, RESTA O MERCADO SEM FEIRA

Tribuna da Bahia, Salvador(BA), 11 de janeiro de 1977
terça-feira.

A tradicional feira livre de Feira de Santana teve ontem a sua despedida, e de hoje em diante os comerciantes estarão mercando os seus produtos nos boxes de cimento do centro comercial, construído para fazer jus ao crescimento da cidade, hoje com 200 mil habitantes.

Dos cinco mil comerciantes , apenas 3.500 foram cadastrados, ficando 1.500 para uma futura ampliação do centro. As opiniões quanto a extinção da feira divergem, até mesmo entre os feirantes. Enquanto uns acham que o espaço não vai dar para as mercadorias, outros acham que o conforto, das instalações — inclusive com abundância de sanitários — anula qualquer outra vantagem da feira no centro da cidade, (páginas 5 e 9).

A FEIRA COMEÇA A IR PARA O CENTRO

Feira Hoje, Feira de Santana(BA) 11 de janeiro de 1977, p.3.

“Com esta mudança a feira livre passará a ser realizada diariamente, mas a segunda-feira ainda será o seu dia culminante.

Um dos principais objetivos da construção do Centro de Abastecimento foi retirar do centro da cidade a feira livre que já se realizava, praticamente, nos sete dias da semana, criando problema principalmente para a limpeza da cidade”

DESTINO

Até o presente momento, não se sabe concretamente qual será o destino do Mercado Municipal da Praça João Pedreira. Existem especulações que ele venha a ser demolido para a construção de uma praça com estacionamento, ou em seu lugar seja construído um grande supermercado por iniciativa privada.

Outra possibilidade é de que ele seja transformado no centro de comercialização do artesanato, sendo que uma parte seja destinada a um pequeno auditório, visto que o teatrinho Margarida Ribeiro vai desaparecer com o seu proprietário, não alugando mais o móvel.

CHUVA PREJUDICA A MUDANÇA DA FEIRA

Feira Hoje, Feira de Santana(BA), 11 de janeiro de 1977.

O prefeito José Falcão da Silva mostrava-se preocupado ontem com as chuvas afirmando que a sua continuação resultaria em problemas para a mudança da feira:

Não haverá nenhuma alteração no calendário já estabelecido, mas as chuvas serão prejudiciais às obras de pavimentação das vias de acesso...

Reconhece ainda o Prefeito que a primeira semana será voltada exclusivamente para a mudança, não havendo possibilidade de comercialização, senão de pequena escala.

APOIO

Ontem o prefeito recebeu em seu gabinete os presidentes da Associação Comercial, Centro das Indústrias, Clube de Diretores Lojistas e Rotary Club os quais se apresentaram solidários com a transferência da feira, e lhe trouxeram o apoio das classes produtoras — segundo assegurou.

BARRACAS

Já começaram os problemas relacionados com a saída das barracas do centro da cidade. Muitos são os barraqueiros que têm procurado o prefeito, pedindo para que não sejam levados para o Centro de Abastecimento:

"Sei que, muita gente vai ficar aborrecida, mas não é possível haver complacência. Não haverá privilegiados. As barracas sairão do centro da cidade, até o final do meu governo" — concluiu.

LARANGEIRA, Antônio José

A FEIRA LIVRE

Plantão de Notícias (Da Sucursal)

A Tarde, Salvador(BA), terça-feira, 11 de janeiro de 1977, p.13 cad.2.

Finalmente ontem aconteceu o último dia da maior feira livre do Norte Nordeste do Brasil , no centro comercial da cidade plana. Daqui pra frente a feira livre será no Centro de Abastecimento, mais higienizada e organizada.

CHEGOU AO FIM A MAIOR FEIRA LIVRE DO NORDESTE

Tribuna da Bahia, Salvador(BA), 11 de janeiro de 1977, p.9.

Há vários anos, a feira livre de Feira de Santana — a maior de todo o Nordeste — vem sofrendo diversos “ataques” administrativos. Acusada de anti-higiênica, de ser uma instituição medieval, a feira teve o seu fim determinado há cerca de um ano, quando foi elaborado o projeto de sua transferência para um “monumental” centro de abastecimento. Ontem foi realizada a última “grande feira” e na próxima segunda certamente todos sentirão falta, no centro da cidade, da feira que deu nome e expansão econômica ao lugar, antes Fazenda Santana dos Olhos D’Água.

“Nosso projeto não propõe acabar com a feira-livre da cidade e sim realizá-la, oferecendo melhores condições de comercialização dos produtos, uma organização que não existe. Sempre levamos em conta as características especiais da cidade e da feira. Isso também foi estudado e lembrado. De forma alguma a feira será descaracterizada”.

As explicações do coordenador do plano de relações da tradicional feira livre da cidade de Feira de Santana, Lindalvo Farias, feitas em agosto de 75, não chegaram a tranquilizar os feirantes, muito menos a população do município, que apesar de entender as vantagens progressistas da mudança, sentiram perder aquilo que chamou de maior atração turística da cidade.

Mas, os apelos se sucederam em vão. Ontem, cedendo às imposições expansionistas, a feira foi realizada pela última vez

no centro comercial da cidade, trocando por um eficientemente planejado centro de abastecimento. Finda assim a maior feira livre do Nordeste e talvez, do Brasil, nascida naturalmente no século XVII, dando origem ao município.

“MEDIEVAL”

Acusada de ser um instituição medieval, anti-higiênica, altamente poluidora, e não compatível com o grau de desenvolvimento de um núcleo urbano, a feira livre sofreu os primeiros “ataques” há, aproximadamente, 10 anos, quando chegou inclusive a ser cogitada a elaboração de um projeto para a transferência do centro comercial da cidade.

Mas a idéia só tomou vulto há cerca de um ano, quando a prefeitura elaborou um projeto de realocação, visando a sua transferência para um monumental centro de abastecimento, cuja construção já era proposta no Plano de Desenvolvimento Local Integrado, de 1968, arquitetado também pela prefeitura que, já nessa época, sentia necessária mudança.

O projeto do centro recebeu total apoio do Banco do Nordeste que, todavia, condicionou a liberação do funcionamento — Cr\$ 17,5 milhões — a um parecer favorável do Conselho Nacional de Abastecimento (CONAB), órgão do Ministério da Agricultura, encarregado da política de abastecimento do país.

Em agosto de 75, o CONAB mostrou-se contrário ao projeto, propondo como substituto para o centro comercial, um galpão único de 45 por 500 metros para abrigar todos os feirantes da área. O órgão alegou a redução de custos, propondo a eliminação total da feira livre.

A decisão do Conselho não pareceu, todavia irredutível para o prefeito de Feira, José Falcão da Silva e para o coordenador geral do projeto do Centro de Abastecimento, o engenheiro agrônomo Lindalvo Virgínio de Farias, que seguiram imediatamente para Brasília, onde explicaram mais uma vez ao Conab, os objetivos do plano e suas características próprias resultantes da feira livre, “uma instituição que não pode ser descaracterizada”.

No dia 21 de agosto desse mesmo ano, os técnicos do Conab, atendendo às reivindicações, concederam, finalmente,

parecer favorável ao projeto, recuando de sua posição de acabar a feira, abrigo todos os feirantes em um único galpão. A prefeitura começou a obra do novo centro logo após a liberação dos recursos pelo Banco do Nordeste.

Decidida a construção do centro, assim como a mudança da feira livre, entretanto, novos problemas se apresentaram para o governo do município: a modificação do sistema viário da cidade, principalmente os roteiros dos ônibus; o controle da expansão do comércio para a periferia do centro de abastecimento; os problemas sociais como a marginalização de pessoas que vivem do subemprego no universo da feira livre.

O Projeto Cabana, como ficou conhecido o plano de construção do centro de abastecimento, propiciará, segundo declarou o seu coordenador, logo após a sua aprovação, a racionalização do sistema de comercialização atual, acabando com os fatores de estrangulamento de atividades urbanas, em decorrência do atual sistema varejista (feiras e serviços correlatos); minimizando os custos e as perdas decorrentes das operações atuais; melhorando os níveis de ocupação da mão-de-obra disponível.

Feira de Santana, como argumenta o Projeto, está numa situação em que as feiras, os mercados e demais componentes da estrutura tradicional já não respondem total e satisfatoriamente as necessidades da população, que progressivamente atingiu os estágios mais complexos de industrialização e metropolização. Diante desse quadro impõe-se a formulação de programas capazes de propiciar uma adequação de estruturas e infraestrutura, ora corrente no mecanismo de comercialização de produtos agropecuários às novas características do mercado.

O prefeito José Falcão apresentou ainda justificativas mais convincentes para a mudança da feira: “Sem dúvida, a relocação da feira trará problemas paralelos. Mas, se ela continuar onde está, os problemas presentes se agravarão no futuro bem próximo e não teremos então condições de enfrentá-los”.

SEGUNDA, O “GRANDE DIA”

Embora seja segunda-feira o “grande dia”, desde sexta começa a movimentação no centro comercial do município. Pois

é quando chegam os primeiros caminhões de mercadorias e os varejistas de hortigranjeiros adquirem dos atacadistas e produtores uma infinidade de artigos, provenientes inclusive de outros Estados.

No sábado, as barracas já amanhecem armadas e tem início a comercialização; às 18 horas são recolhidas e guardadas até a noite de domingo para negociar nas feiras de bairros — Cidade Nova, Estação Nova, Tomba, Sobradinho e Rua Nova.

Todavia, existem os comerciantes permanentes, denominados pela prefeitura de "ambulantes estacionados" que operam durante todos os dias da semana em locais determinados pela Secretaria de Serviços Urbanos, à qual está afeta a organização especial das feiras livres. Há lugares em que o comércio varejista de frutas e hortigranjeiros funciona ininterruptamente.

ENTREPOSTO

A feira livre possibilita a Feira de Santana o papel de "grande centro expedidor", porque a importação de produtos ocorre independentemente da auto-suficiência do município. Os gêneros alimentícios comercializados na feira, em sua maior parte, procedem de outros estados, principalmente os horti-frutigranjeiros.

Também os artigos manufaturados são comercializados em grande escala na feira livre, que serve de entreposto para a distribuição regional de rendas e redes do Ceará, sal do Rio Grande do Norte, artigos plásticos do Rio de Janeiro e São Paulo, confecções de São Paulo, alpercatas e louças de barro vidrado de Sergipe, cachaça de Minas Gerais, Pernambuco, Alagoas e Paraíba.

Essa imensa variedade de produtos é distribuída pelos oito quilômetros quadrados de feira livre, obedecendo uma harmônica e natural organização. Na realidade, a feira é subdividida em outras menores: de um lado da Praça João Pedreira, encontra-se a feira da banana; do outro lado, a de carne-do sol e toucinho; num trecho da Rua Marechal Deodoro, a feira de móveis; no fim da Avenida Getúlio Vargas, a de madeira, em frente à Igreja do Senhor dos Passos, os camelôs e suas confecções baratas.

Outras subfeiras ainda menores podem ser vistas no centro comercial do município, como a da farinha, a das louças, dos objetos de barro, a dos passarinhos, de caça (tatus, teius, nambus, codornas, jibóias), dos produtos de palha, sisal e coroa (cordas, esteiras, paneira, chapéus, balaio etc.).

O INVESTIMENTO DE 25 MILHÕES

Envolvendo investimento da ordem de Cr\$ 25 milhões, e contando com a área de 306,600 metros quadrados, o Centro de Abastecimento de Feira de Santana foi oficialmente inaugurado no dia 7 de novembro de 76. Construído em apenas nove meses, foi considerado a mais importante obra pública já realizada no município.

O centro possui características bivalentes, sendo as suas três linhas principais, a do varejo, atacado e mercado expedidor rural. Na linha de varejo, o *layout* disciplina a ocupação espacial e as funções, de modo que há as faixas distintas para os ramos de produtos alimentares e não alimentares, sendo que cada uma dessas categorias está servida por equipamentos que atendam a diferentes modalidades de comércio.

A concepção do projeto fundamentou-se primordialmente em inadiável operação de remanejamento de feiras e mercados, com aproveitamento total de mão-de-obra ali atuante, ao mesmo tempo em que organiza o mercado atacadista, oferecendo-lhes condições adequadas a seu funcionamento e expansão.

A ocupação espacial do terreno atende a dois agrupamentos, atacadista e um varejista. No primeiro serão realizadas as operações “a grosso”, que contarão inicialmente com um galpão e já na segunda fase com outro galpão, um restaurante popular e o apoio aos serviços de beneficiamento, classificação e embalagem.

Na área do varejo foram construídos um prédio para o mercado de alimentos, outro para o mercado de não alimentos e um terceiro para açougues, todos eles destinados a receber os atuais usuários do Mercado Municipal e do mercado da rua Filinto Bastos além de alguns comerciantes da rua, em particular aqueles que operam com carnes, peixes e correlatos, contando

o prédio do açougue com câmara frigorífica para atender satisfatoriamente o comércio de alimentos altamente perecíveis, de origem animal.

SANTANA DOS OLHOS D'ÁGUA

A história da feira livre confunde-se com a própria origem do município de Feira de Santana. Conta-se que, no início do século XVII, os proprietários da fazenda Santana dos Olhos D'Água mandaram construir uma capela no local que costumeiramente vinha servindo de pouso para tropeiros e viajantes que saíam do sertão com destino a Salvador.

Eram tantas as pessoas que faziam parada no local, que os moradores da redondeza resolveram aproveitar a oportunidade e levar para ali os seus produtos agrícola e vender aos que passavam. Por outro lado, os tropeiros também se aproveitaram e além de comprar alimentos, vendiam suas mercadorias.

Naturalmente, surgiu a partir de então, uma movimentada feira livre circundando a capela, atraindo gente de todos os lugares. A princípio as pessoas vinham apenas comerciar. Depois, contudo, muitos resolveram construir suas casas nas redondezas, começando dessa maneira a formação de um pequeno povoado.

Consolidada, a feira livre da fazenda Santana dos Olhos D'Água mais tarde simplesmente Feira de Santana, tornou-se uma parte da vida econômica e social de toda a circunvizinhança e suficientemente importante para ser considerada um arraial florescente. A feira livre — que se realizava às terças-feiras até 1854, quando passou para as segundas-feiras — teve considerável influência no desenvolvimento do povoado.

A 16 de junho de 1873, por força da lei provincial, formou-se a cidade comercial de Feira de Santana, cujo nome ficou reduzido para Feira pelos decretos de 23 de junho e 8 de agosto de 1831. Constava do recenseamento de 1872 que a cidade abrigava, na época, 32.955 habitantes.

Ponto de passagem obrigatório dos rebanhos de gado do Sertão para Salvador ou para o Recôncavo, a feira livre passou a ser uma das maiores do Brasil. Em 1860, ela se constituiu em

importante fonte econômica do município. Em 1975, foi considerada pelo então secretário de finanças, Armando Curvelo, como a segunda maior fonte de arrecadação da Prefeitura Municipal.

CENTRO DE ABASTECIMENTO SUBSTITUI A GRANDE FEIRA

A Tarde, Salvador(BA), quarta-feira, 12 de janeiro de 1977, pag.2, cad.2.

Desde as primeiras horas da madrugada da última segunda-feira uma chuva fina e incessante caía sobre Feira de Santana, no dia da realização de sua última feira livre, considerada a maior do Norte e Nordeste do País. Parece até que todos estavam mudos, não se ouviam os gritos dos barraqueiros oferecendo os seus produtos, nem o carregador de cestos a pedir às “madames”, para levar as compras ou o vendedor de farinha a dizer: “É farinha de copioba, patroa, prove aqui pra ver a delícia”, o vendedor de verduras a mercar: “Olha o tomate de Jaguaquara e o feijão de Irecê”. Todos estavam silenciosos, até mesmo aqueles que faziam compras, com certa dificuldade em decorrência do lamaçal provocado pela chuvas, talvez, solidários com os feirantes, barraqueiros e vendedores ambulantes que vendiam seus produtos pela última vez no centro da cidade, uma vez que a partir do próximo sábado a feira livre será no Centro de Abastecimento.

Enquanto o drama da mudança da feira livre desenrolava-se nas ruas e avenidas centrais de Feira, na Prefeitura Municipal o prefeito José Falcão da Silva recebia em audiência especial as classes produtoras em seu gabinete. O Presidente da Associação Comercial, José Alexandrino de Souza, o Presidente do Clube Diretores Lojistas, Paulo Pires e os representantes do Rotary e Lions queriam, naquela oportunidade, emprestar solidariedade e apoio ao Prefeito José Falcão da Silva, na transferência da feira livre do Centro de Abastecimento, no Parque Manoel Mathias.

A FEIRA

Em Feira de Santana realizava-se no dia de segunda-feira, a maior feira livre do Norte Nordeste do país, nas artérias centrais, ocupando mais de cinco quilômetros de extensão, constituindo-se na maior atração turística da cidade, que para a qual atrai pessoas das mais variadas partes do Brasil, em busca de mercadorias.

A partir das primeiras horas da tarde de cada domingo, a cidade recebe maior volume de mercadorias, do que qualquer cidade do Norte Nordeste do país, que aqui chegam das mais variadas formas, nos lombos de animais em carroças, em caminhões e carretas, instalando-se de imediato várias barracas ao longo da Avenida Getúlio Vargas e da Praça João Pedreira, com um bom número de pessoas efetuando logo as primeiras compras de mercadorias. Contudo somente às segundas-feiras, desde as primeiras horas da manhã, é que a feira livre de Feira de Santana apresenta todo o seu potencial de comercialização.

Na feira livre são comercializados produtos hortifrutigranjeiros, oriundos dos mais diversos municípios baianos, derivados do couro e barro, produtos avícolas, confecções, peças de eletrodomésticos, além dos produtos mais procurados pelos que aqui chegam de outras partes, como, carne do sol, carne de sertão e as caças mais raras da região: paca, tatu, teiú, codorna, nambu e cotia.

Nem mesmo o desenvolvimento alcançado pela cidade conseguiu acabar algumas tradições, que até a última feira livre ainda foram mantidas. No meio da feira livre tendo na cabeça um cesto de cipó, homens e mulheres solicitam das donas-de-casa um “trocado” para carregar as compras até o táxi ou o ônibus, sem se falar naqueles que levam a mercadoria até as residências. Instalados em pontos estratégicos da feira livre os cantadores, violeiros e repentistas do Nordeste conseguiram atrair as atenções de todos, turistas, compradores e vendedores. Utilizando-se de um precário sistema de som, vendedores ambulantes de óleo de peixe elétrico, de peixe-boi, da banha da tartaruga do mar sagrado, “purgantes” e pílulas para as mais variadas doenças, vendem tanto ao fazendeiro mais abastado como ao

agregado. Nos passeios das ruas e avenidas, livros de estórias intituladas “Lucas da Feira”, “O Escravo Libertador”, “O Valente Lampião e Maria Bonita”, “As Aventuras do Roberto Carlos”, “A Moça que tomou a pílula” e “O Bicho que está aperecendo na Feira”, são vendidos aos turistas, tabaréus, agregados e fazendeiros, numa autêntica livraria de cordel.

Os turistas acham mais interessante as apresentações dos artistas-ambulantes, como, “o Homem que engole fogo, vidro e prego”, “a mulher lobisomem” e o “show das mulheres rumbeiras”, em barracas completamente cobertas de pano. Nas portas dos bares, casas comerciais e de estabelecimentos públicos, os fazendeiros se reúnem para conversar vários assuntos. Um fala sobre a seca e lamenta a lavoura perdida, outro diz do gado que morreu de fome e de sede, outro queixa-se de seus agregados e rendeiros, comentam política enquanto dirigem gracejos às moças e às “mulheres damas”.

Com a feira livre tomando todo raio de ação das artérias centrais da cidade, os problemas por ela provocados passaram a incomodar a ala industrial da cidade de Feira de Santana.

Os constantes congestionamentos no sistema de tráfego de veículos, a proliferação das bancas e barracas, que concorrem deslealmente com o comércio local, o péssimo aspecto urbanístico, uma feira livre sem higienização, produtos alimentares misturados ao lixo e fezes animais e humanas, os constantes furtos praticados por marginais de alta periculosidade, e “pivetes” que infestam a cidade nos dias de segunda-feira, fizeram com que o Prefeito José Falcão da Silva cumprisse aquilo que estava previsto no plano local integrado: a construção do Projeto Cabana, o Centro de Abastecimento localizado no Parque Manoel Mathias, que foi inaugurado no dia 7 de novembro do ano passado e para onde será relocada a feira livre.

O DRAMA PARA MUDAR

Em sua barraca na Praça João Pedreira, Joaquim Pedreira, que há mais de 30 anos vende carne-do sol, carne de sertão, toucinho, e outros produtos, enquanto vendia suas mercadorias comentava com João Apolinário, o vendedor de farinha de

copioba, sobre a mudança da feira livre dizendo: “Apolinário, tu está vendo o castigo, homem; Deus não vai concordar com que estão fazendo com a gente, esta chuva é um sinal de que Deus chora por nós, Apolinário”, ao que ele retrucou — “Nada disso, homem, a chuva foi uma coincidência, garanto a você que se a feira livre já estivesse hoje lá no Centro de Abastecimento, a minha farinha não estaria toda molhada”. Mais adiante estava Manoel Bartolomeu, vendedor de verduras, protegendo-se da chuva embaixo de um pedaço de plástico, que atento às conversas de Apolinário e Joaquim, após tirar uma longa pitada do cachimbo gritou: “A chuva são nossas lágrimas, a feira livre jamais será tão movimentada como nos tempos atrás, lá no Centro de Abastecimento, 'tou' com medo de não vender minhas mercadorias, sei que vamos ter muitas dificuldades, a mudança será a desgraça de muita gente, compadre”. Indiferentes à conversa dos três homens, os turistas, de máquina em punho, faziam as últimas fotos, entre uma compra e outra, davam risadas dos “tabaréus” todos molhados.

Jaime Luiz dos Santos, dono da barraca “Pioneira São Luiz”, a primeira que foi instalada no velho Mercado Municipal, no ano de 1935, com uma dor incontida demonstrada no seu rosto contou para a reportagem a história da barraca: “O meu pai, José Souza dos Santos era barbeiro do governador José Joaquim Seabra, além, de acumular a função de porteiro do palácio, até Seabra deixar o Governo. No ano de 1928, após ter feito uma viagem ao exterior, passando pela França, Itália, Argentina e também por vários estados do Brasil, passou por Feira de Santana onde fixou residência. No ano de 1935, era prefeito da cidade Heráclito Dias de Carvalho, mais conhecido por “seu Loló” ao qual meu pai foi pedir para instalar aqui no Mercado Municipal uma barraca: naquela época somente eram comercializados aqui, tomate, farinha, peixe e outras coisas de menor importância, sem contudo faltar a “pinga”. Continuando disse o barraqueiro Jaime dos Santos — o Prefeito disse ao meu pai para ele procurar o administrador do velho mercado, Sr. Pinto, que ficou com a missão de escolher o local da barraca, a primeira daqui(o que ele fez questão de frisar). Minha mãe, Romana da Silva Santos, que tem hoje 70 anos de idade, era

quem fazia as lingüiças de porco, o produto que meu pai mais vendia na barraca, que era de madeira. Depois que meu pai morreu, construiu esta que é toda azulejada, com instalação hidráulica e elétrica embutida. No final, Jaime comentou o porquê de ser contrário à mudança da feira livre e afirmou: “Os meus fregueses já me disseram que não vão mais fazer compras aqui na barraca quando a mesma for lá para o Centro, alegando o desgaste físico para a compras. “Para mim a mudança será uma aventura”.

Roque Machado, dono de um box no Mercado Municipal a cerca de 36 anos, no setor onde é comercializada a carne verde, que ele adquiriu por “5 contos”, deu também a sua opinião sobre a mudança da feira livre: “Acho que tudo será mais fácil; antes as vendas eram melhores, com o passar dos anos muita gente deixou de vir comprar carne aqui, acho que foram os supermercados que causaram tudo isto. Com um só local para a venda de carne verde, facilitando o livre trânsito das pessoas, sem constantes empurrões, vamos ter melhores dias. Atualmente não vendo nem 200 quilos de carne verde, num dia de segunda-feira”. Já D. Carlota Pereira, que há cerca de 10 anos tem numa barraca de produtos típicos e artesanais no Mercado Municipal, mostra-se um tanto duvidosa sobre as possíveis melhoras da mudança da feira livre, dizendo: “Realmente para nós que vendemos produtos artesanais retornamos aqui para o mercado municipal, que dizem que será transformado em centro folclórico e artesanal, aí sim teremos a certeza de melhoras; com tudo aqui desorganizado, só estamos tendo prejuízo: há dias que não vendemos nem Cr\$ 50,00”.

A FEIRA LIVRE NÃO VAI ACABAR

A feira livre não vai acabar, ela será relocada para o Centro de Abastecimento, a partir do dia de hoje, saindo do centro comercial da cidade.

O Centro de Abastecimento possui características polivalentes, sendo as suas três linhas principais — varejo, atacado e mercado expedidor rural, na linha de varejo. O *layout* disciplina a ocupação espacial e as funções, de modo que há as faixas distintas para

os ramos de produtos alimentares, e não alimentares sendo que cada uma destas categorias está servida por equipamentos que atendem as diferentes modalidades do comércio, desde a mais simples e tradicional, até as mais moderna técnicas de comercialização através de supermercados.

O Engenheiro agrônomo Lindalvo Farias, responsável pelo projeto de construção do Centro de Abastecimento de Feira de Santana, faz a seguinte diferenciação entre o Centro de Abastecimento e a Ceasa: “A Ceasa não é polivalente, atua apenas em linhas de atacado e hortigranjeiros. Já aqui no Centro de Abastecimento a maior predominância é para o varejo, abrangendo todos os artigos de comércio de rua, ou seja: a linha de produtos hortigranjeiros, os produtos de origem animal, que não tem na Ceasa, carne, peixes, cereais, de estivas e artigos diversos de consumo popular — confecções, louças e utensílios domésticos”.

A linha de atacado, as suas instalações disponíveis permitem as instalações em maior escala de produtos que se destinam ao varejo local e de outros municípios.

É exatamente neste aspecto que o Centro de Abastecimento preenche a sua função de Mercado Expedidor Rural, pois recebe produtos de diversas fontes de produção e propicia a venda para outros municípios. Para melhor caracterizar esta função, o engenheiro agrônomo Lindalvo Farias disse que os produtos terão prioridade de acesso aos locais de venda, evitando assim o monopólio dos intermediários. Para tanto, os produtos serão devidamente cadastrados, com informações sobre sua moradia, área de plantação, volume de produção e época de colheita, podendo-se então conhecer a necessidade de cada um, em termos de locais de venda de acordo com as safras.

A partir da função de Mercado Expedidor Rural, pretende-se, através de um trabalho educativo, alcançar estágios adiantados de associativismo dos produtores e vendedores, com vista a formação ou adesão de cooperativas.

O Centro de Abastecimento de Feira de Santana teve investimento de 47 milhões de cruzeiros, incluindo-se desapropriação de área ocupada, construção e instalação. O Centro tem uma área total de 310.000m², ocupando apenas atualmente 140.000m².

Nele existindo prédios de mercados alimentares e não alimentares, que totalizam uma área de 5.000m. Já a faixa destinada à realização da feira livre terá uma área de... 3.000m², para o estacionamento de veículos foi destinada cerca de 3.100m². O reservatório de água para abastecimento do centro tem uma capacidade de 360.000m³.

RÉQUIEM PARA UMA FEIRA

Machado, Franklin. *Feira Hoje*, 12 de janeiro de 1977. p.5.

Somente a natureza amanheceu chorando ontem. Na praça principal, a azáfama da feira livre se repetia como em toda segunda-feira. Ninguém diria, se não soubesse, que aquela seria a última feira ali, depois de uns duzentos anos!

E ali a feira se despedia sem solenidade. Como um general que ganhou a guerra e se aposenta sem querer receber nenhum louro. Como um filósofo que sabe serem essas coisas efêmeras. O que vale é o registro histórico.

O tempo chorou, mas sabemos que amanhã é um novo dia. E o sol nascerá radioso, brilhante, logo, a feira não se acabou. Apenas muda de local. Um local que ainda está meio escondido, pois lhe faltam as vias de acesso projetadas e a visão psicológica de quem chega na praça e não a vê. Como no velho costume. Somente um bequinho por entre o Umuarama Hotel (que quer dizer reunião de amigos em tupi-guarani) e a loja Pires junto, juntamente, a Visão.

O último dia da feira passou em brancas nuvens, como nos lembra o ex-radialista Lúcio Bastos (hoje se revelando um cronista das coisas e gente feirenses). E o comerciante Carlos Marques que, talvez, se estivesse nos seus tempos carnavalescos de rapaz, faça uma marcha sobre o acontecimento. Aliás, retruquei, “brancas nuvens”, não, pois as nuvens estavam escuras de chuva.

A hora não é para saudosismo nesta Feira que se industrializa, que se asfalta em ruas e estradas, que se alteia, arranhando o céu. Mas a feira ali lhe dava qualquer coisa de original e único. De coisa bem personalística como seu nome: Feira de Santana!

Nome que começou com seu começo. Em torno da capelinha de Sant'Ana, da Fazenda Olhos D'Água, dos velinhos portugueses Domingos e Ana Brandão. Ali na estrada de São José das Itaporocas para Cachoeira. Feirinha de tropeiros, dos boiadeiros, dos vaqueiros, dos mascates, etc. História oficial que hoje também está sujeita a mudanças pelos estudos do Monsenhor Renato Galvão.

Não vamos mais ficar a lamentar ou a rememorar fatos, uma vez que nós, feirenses, somos gente portuguesa acostumada a sair mundo para criar mundos. Gente afeita a olhar para o futuro, mas chorando nos fados tristes.

Foram esses novos feirenses, José Falcão da Silva e Lindalvo Farias que tiveram a coragem de sacudir a poeira do século, com base num plano integrado do Governo João Durval. Entrará Colbert Martins com a incumbência de consolidá-la. Sabemos que ela será recalcitrante. Teimará em ficar pela adjacências como mulher apaixonada que não quer deixar o seu homem.

Mas é a vida. Viver é estar sempre mudando, se renovando. Quando se perde essa capacidade é a velhice e a morte. Tenho visões futurísticas para essa nova feira. Já a cantei em álbum e folheto de literatura de cordel. Porém não pude deixar de ver o dia chorar ontem. E, olhando para os feirantes e suas coloridas mercadorias, também CHUVEI.

O DOUTOR NÃO ATENDE

Feira Hoje, Feira de Santana(BA), 12 de janeiro de 1977.

"O Doutor Lindalvo está, mas não pode atender a ninguém"
(...)

No primeiro dia de relocação da feira livre nenhuma barraca se instalou no novo local. As chuvas da última segunda-feira mais uma vez revelaram problemas. Marceneiros, serralheiros, carpinteiros, pedreiros e pintores são encontrados no interior do mercado de alimentos, efetuando as adaptações recomendadas pelos ocupantes das mercearias, bancas de requeijão, manteiga e carne-do-sol.

Ninguém sabe ainda quanto se gastará, só a tela exigida para a cobertura das mercadorias custa Cr\$ 60 o metro — disse um dos barraqueiros.

TALVEZ SEJA A PRIMEIRA

Jaime Luiz dos Santos, um dos mais antigos barraqueiros, já está com as mercadorias armazenadas em casa de sua mãe. Na conhecida mercearia do Mercado Municipal, a "São Luiz", nada mais existe. Com muito esforço Jaime vai aproveitando o que é possível e afirma: "Tenho que aproveitar inclusive as prateleiras que foram do tempo de Marinho Santos & Cia. e é uma madeira especial. Também aproveitarei a porta de ferro. Talvez daqui até sábado a nova barraca esteja funcionando lá no Centro de Abastecimento".

As demais mercearias continuaram durante o dia de ontem. Também em seu funcionamento normal, as demais atividades, inclusive o açougue.

"O administrador andou dizendo por aqui que amanhã (hoje), o mercado estaria fechado, Não sei se era brincadeira, ou talvez para nos intimidar e apressar mais a nossa saída" — afirmou um vendedor de farinha.

CARNES

Comentava-se ontem à tarde no Mercado Municipal que não haveria abate de boi, o que somente aconteceria na sexta-feira para que os açougueiros comercializassem a carne no Centro de Abastecimento.

"Como é que vamos vender carne se os boxes não estão azulejados? A fiscalização sanitária deveria enxergar o problema, pois quem abre um pequeno açougue, num bairro é obrigado a azulejar as paredes; porque aqui não tem azulejo?"- indagava um conhecido açougueiro.

Para o arquiteto João Inácio do Valle, do EPI, o problema não existe:

"O material que reveste a parede dispensa o uso do azulejo. É lavável e já é utilizado em dependência de residência de luxo".

MERCADO FECHA AMANHÃ

Feira Hoje, Feira de Santana (BA), 13 de janeiro de 1977, p.1.

"Amanhã, sexta-feira, o Mercado Municipal será fechado definitivamente às 18:30 horas e somente poderá ser aberto para a retirada de alguma coisa que ainda esteja lá dentro— disse o prefeito José Falcão da Silva, confirmando para o próximo sábado a realização da primeira feira livre no Centro de Abastecimento".

"O mercado depois de fechado ficará à disposição do futuro prefeito para as reformas e sua utilização dentro de seu programa de governo. Tudo o que está sendo observado nestes primeiros dias, como negativo, é justificado por estarmos vivendo uma fase de transição. Só depois da mundaça definitiva é que os problemas serão solucionados", prosseguiu.

BARRACAS

Ontem desceram para o Centro de Abastecimento as bancas e estrados utilizados pelos feirantes que se utilizavam da área da feira livre.

"Já advertimos aos barraqueiros de rua que não ficarão nenhuma barraca no centro da cidade a não ser as bancas de revistas e os fotógrafos da praça Bernardino Bahia, cuja localização ainda dependerá de estudos — disse o prefeito — e na sexta-feira durante o dia iniciaremos a operação *pente-fino*. Será o 'rapa' apreendendo as bancas e barracas que insistirem em não deixar os locais proibidos".

Afirmou o prefeito que será considerado local proibido toda a área central da cidade, tomando por base a Avenida Maria Quitéria, pois nos bairros será inevitável a existência de uma ou outra barraca.

O BARRAQUEIRO

Josias Bacelar, proprietário de uma barraca de frutas na Avenida Senhor dos Passos, trecho da Praça Bernardino Bahia, disse que não recebeu nenhuma comunicação da prefeitura

para sair do local e está acompanhando as coisas pelo FEIRA HOJE. Ele não está inscrito no Centro de Abastecimento e justifica: "Não sou contra a mudança, apenas pensei que as barracas de maçã, uvas e outra frutas que não produzem sujeira, não seriam molestadas, pois elas existem nas grandes cidades, mesmo onde existe central de abastecimento".

CENTRO INICIA SUAS ATIVIDADES

Feira Hoje, Feira de Santana(BA), 15 de janeiro de 1977
p.3.

(...) Durante o dia de ontem praticamente a feira começou a ser realizada, inclusive com a descarga de frutas e verduras procedentes das zonas produtoras no grande mercado atacadista. Inúmeros barraqueiros já operavam ontem, enquanto que os primeiros negócios foram realizados.

TODOS CONTENTES COM A FEIRA NO CENTRO

Feira Hoje, Feira de Santana(BA), 16 de janeiro de 1977,
p.3.

"Eu não esperava que o povo nos desse a acolhida que nos ofereceu no primeiro dia oficial da feira-livre no Centro de Abastecimento. Espero que isso prossiga pois todos ficarão satisfeitos com esta obra e a nova localização da feira" — foi a afirmativa de Jaime Luiz dos Santos proprietário da mais antiga barraca existente no antigo Mercado Municipal, agora instalado no box no 26, no mercado de alimentos do Centro de Abastecimento. Quanto à velha freguesia não teve queixas:

"Meus primeiros fregueses foram os tradicionais fizeram suas compras e garantiram que retornarão. Disseram que eu não me preocupe".

A SEGUNDA-FEIRA SEM A FEIRA

Feira Hoje, Feira de Santana(BA), 18 de janeiro de 1977.
p.3.

A cidade viveu ontem a sua primeira segunda-feira sem a tradicional feira livre (...)

As ruas Herminio Santos e Recife, transformadas nas primeiras ruas de acesso ao Centro de Abastecimento, era o ponto de maior afluência de feirantes e turistas (...)

(...)

"Ninguém deve se queixar de que não está fazendo um bom negócio. Liberamos completamente o pagamento das taxas normalmente cobradas pela prefeitura e até mesmo os boxes, balcões, lanchonetes e bares ficarão sem pagar até o dia 31, o que representaria para a Prefeitura uma receita de aproximadamente Cr\$ 300 mil" — conclui o prefeito.

TUDO NORMAL

O empresário José Mendonça, proprietário de Mendonça Supermercado, afirmou:

"Estou muito satisfeito com a mudança da feira, porque o Centro é uma obra que Feira de Santana merecia. A influência negativa ou positiva nos negócios é fator secundário. Os supermercados precisam vender e os feirantes também, para que a comunidade seja bem servida.

O diretor comercial Gemini Rolim mostrou o quadro de vendas referente ao primeiro sábado e segunda-feira depois da mudança: "O povo aceitou o Centro de Abastecimento. Nós não sentimos nenhuma diferença no nosso movimento comercial. O povo feirense está de parabéns por mais essa possibilidade de comercialização que a cidade ganhou".

Já o gerente das casas Pernambucanas dizia-se contrário à mudança da feira livre "não como gerente de uma loja e sim como cidadão". Para ele, a redução dos negócios atingiu a casa dos 70 por cento.

José Carlos Morais Lima, da Marrocos, afirmou que: "Por incrível que pareça, houve uma reação positiva, pois a cidade ficou desafogada e o pessoal que vem fazer compras nas lojas nada tem a ver com quem vem comprar alimentos. Tanto sábado como hoje, os negócios foram positivos".

FEIRA LIVRE NO CENTRO SE ARRUMA AOS POUÇOS

Jornal da Bahia, Salvador (BA), 19 de janeiro de 1977, quarta-feira, pág.5, 2^o caderno.

Feira de Santana (Da Sucursal) - sábado último foi realizada a primeira feira no Centro de Abastecimento. Apesar da influência — pois muita gente esteve no local até por mera curiosidade — o Centro apresentava sinais de desorganização. A feira livre propriamente dita funcionou a contento, mas na parte dos açougues, peixaria e mercearia, notava-se que muita coisa estava por terminar.

Quanto aos feirantes, estavam aflitos temendo que os fregueses não se encontrassem lá no centro e quando aparecia algum, eles gritavam logo: "Estou aqui, freguês, olha a minha barraca aqui". Da mesma forma os consumidores sentiam dificuldades de localizar os gêneros alimentícios. Uma senhora perguntava: "Onde estão o beiju e a farinha de tapioca? Meu Deus, tenho de vir aqui somente para olhar tudo e descobrir onde estão as coisas".

OTIMISMO

Os feirantes, porém, já não se mostravam tão descontentes com a mudança, como a princípio. Anastácio Neves, por exemplo, embora tenha afirmado que, no sábado, vendeu pouca farinha, acrescentou: "Eu pensei que fosse pior, mas a feira aqui vai ser boa, é só dar tempo ao tempo". Também Jaime Luiz dos Santos, um dos barraqueiros mais antigos do velho mercado, e que fazia algumas restrições à mudança, está animado com as perspectivas de comercialização no Centro de Abastecimento,

afirmando que, na última segunda-feira, o movimento na sua barraca foi melhor do que nos dias de feira no antigo mercado.

No sábado, a cidade amanheceu parada. As ruas centrais que, costumeiramente, nesse dia ganhavam maior movimentação e colorido estavam silenciosas, vazias, diferentes. Era a primeira feira livre no novo local. Já na segunda-feira, o movimento na área central foi bem maior, com pessoas e veículos circulando em direção ao centro, ocasionando engarrafamento desde a Praça da Bandeira à Rua Hermínio Santos, principal via de acesso à Central de Abastecimento, chegando-se à conclusão de que o esquema de modificação do trânsito implantado pela III Ciretran em função do Centro não surtiu os resultados desejados. Outro fator que contribuiu para a confusão que se generalizou foi a falta de sinalização, pois até segunda-feira as placas de orientação ainda não tinham sido instaladas na sua totalidade, uma média de 120, somente na área do Centro, nas quais a prefeitura investiu 42 mil cruzeiros, além do custo operacional de 5 mil cruzeiros. Além disso, a dificuldade na aquisição de pedras e as últimas chuvas que caíram sobre a cidade atrasaram a conclusão da pavimentação do trecho que circula o Centro.

Para o Coordenador do Projeto Cabana, Lindalvo Farias, a quem coube a tarefa de implantá-lo: “A racionalidade ainda não foi plenamente atingida, mesmo porque a mudança, neste momento, foi uma decisão política e portanto apressada. Precisamos de uma estrutura adequada nos setores de limpeza, distribuição, dentre outros, o que a título precário, estamos fazendo com a ajuda de outras secretarias da Prefeitura”. Acentuou Lindalvo que “Como era de se esperar, muitas conexões e melhoramentos têm de ser introduzidos, em todos os aspectos, o que só seria possível com o Centro em funcionamento. No entanto, os níveis atingidos foram satisfatórios, inclusive repercutindo no comércio que, longe de ter caído em seu movimento, apresenta vários exemplos de movimentação superior à do antigo mercado, o que foi verificado *in loco*, deixando por terra a teoria de que o Centro era inviável. Vale salientar que a feira continua durante toda a semana, criando outras alternativas de comércio para os feirantes”.

Segundo Lindalvo, esse período de adaptação perdurará por quatro semanas, quando os barraqueiros já estarão com a sua situação definida e, até o fim deste mês, eles estão dispensados dos impostos. Ao referir-se às feiras de bairros, acentuou que elas não vão acabar, pelo contrário, deverão ser objeto de um novo tratamento, de modo a ajustá-las à nova realidade, inclusive com melhoria de equipamentos, instalação e uso dos espaços. Esse aumento foi cogitado desde a elaboração do projeto Cabana, mas a resolução ficou para depois da implantação.

FEIRA SEM A FEIRA

Revista Veja, 26 de janeiro de 1977 p.68.

Vida Moderna.

De cerca de oitenta pequenas cidades dos arredores de Feira de Santana, a 110 quilômetros da Salvador, chegavam os feirantes com suas especialidades, que iam desde frutas e legumes a móveis, remédios feitos com ervas, artesanato e literatura de cordel. Já na madrugada de sábado, muitos levantavam suas barracas e, aos poucos, um extenso e confuso cordão ia se desenrolando pelo centro da cidade. Na segunda-feira bem cedo, barraqueiros e vendedores ambulantes tomavam conta de pelo menos 5 quilômetros de ruas. Na mesma hora, os ônibus procedentes de Salvador despejavam na cidade os turistas atraídos pela fama da feira, que muitos só consideravam superadas pela de Caruaru, em Pernambuco.

Mas no último dia 17, Feira de Santana, 200.000 habitantes, vive a primeira segunda-feira sem sua atração principal. Concluídas as obras, iniciadas há mais de dez anos, de um centro de abastecimento, a 1 quilômetro do lugar onde a feira era montada, para ali foram deslocados os feirantes. Terminava, assim, um comércio de 200 anos — a feira livre consolidou-se por volta de 1873, depois de ter se originado no encontro de tropeiros, que desciam do Piauí ou subiam de Minas Gerais, parando na fazenda Olhos d'Água, local hoje ocupado pela

cidade, terminava também, segundo o prefeito José Falcão da Silva, um dos mais antigos problemas de Feira de Santana.

Em lua-de mel. Aos 140. 000 metros quadrados do novo centro em asséticos boxes de cimento que custaram 47 milhões de cruzeiros, couberam, de fato, os 3.500 feirantes — além dos comerciantes do velho mercado municipal, que também se mudaram, dando lugar ao futuro centro de artesanato da região. “Ali estão todos muito mais acomodados”, garante o prefeito Silva, para quem, agora sem a feira, o centro da cidade permanecerá mais limpo. Este e outros benefícios, porém, continuam a ser vivamente discutidos por toda a cidade.

Ao mesmo tempo em que a feira estreava seu novo endereço, a Folha do Norte, um dos dois jornais locais, escrevia: “A cidade está em Lua-de-mel com sua nova conquista, o centro de Abastecimento”, por sua vez, o Feira Hoje lamentava: “Nada restou em termos turísticos da Feira de Santana. Pobre de Igrejas, sem outras atrações maiores, pois centros de abastecimento, indústrias e museus existem por toda a parte, a cidade fica reduzida à sua micareta e talvez a Festa de Santana, se os progressistas não deturparem seu sentido ou mudarem seu modo de ser”. Porém as opiniões contraditórias não param aí. O Arquiteto e poeta local, Juracy Dórea, diz que “Vão acabar com a beleza e o poesia da feira, sufocada pela padronização”. O colunista social Eme Portugal, o mais lido da cidade, contra-ataca: “Sentimos saudade da feira. Mas sem ela apareceu diante de nós a beleza da Avenida Getúlio Vargas, escondida por aquele mundo de barracas, frutas e meleira”.

Sem estoque — O comércio, igualmente, não decidiu de que lado ficar. As lojas em geral reconhecem que as vendas, no primeiro dia sem a feira, caíram muito. E seus donos começavam a pensar se as barracas, em vez de atrapalharem o movimento, não funcionavam, de fato, como uma espécie de chamariz. José Dourival Mateus, da Loja de Tecidos Violeta, porém, fica entre os que enxergam na queda de vendas, apenas um sintoma passageiro. “Tudo volta ao normal, é só o pessoal se acostumar”, diz ele. E os feirantes? A sua primeira preocupação relativa à mudança foi, na verdade, a de liquidar estoques, uma vez que nos novos boxes não há lugar para isso — e, assim, a carne-

-do-sol, no último dia da feira-livre caiu de 28 para 17 cruzeiros. O novo local de vendas não lhe parece, por outro lado, completamente ideal, embora exista uma área livre onde quem quiser poderá continuar com suas barracas. “Há essa ladeira, na saída do centro”, muitos se queixam, pensando que os fregueses certamente não apreciarão enfrentar uma rampa, na caminhada de volta, carregados de pacotes.

Apesar dessas incertezas, a feira vai se armando novamente. Por enquanto, os vendedores de literatura de cordel não reapareceram — esperam que “as coisas tomem jeito”, como explicam. Apenas um deles, Osvaldo Teixeira, já estreou seu novo local de vendas, apregoando, a 2 cruzeiros, a “História da Mulher que se casou Dezoito Vezes”. Ele acha que “o movimento caiu um tiquinho, mas isso é natural agora tudo é novidade, ninguém está pensando em fazer compras, só olhar o Centro”.

Algumas figuras, é certo, foram obrigadas a sair de cena, como os “passarinhos”, que não são admitidos no novo Centro. Já perseguidos por exercerem venda considerada ilegal, a eles restou o recurso de pendurar suas gaiolas numa rua das redondezas, distantes das opiniões extremadas a respeito do Centro de Abastecimento. “Saímos do céu para o inferno”, reclama, por exemplo, um vendedor de requeijão. Metros adiante, um vendedor de artigos de couro exultava:

“Saímos do inferno para o céu”.